



# Memórias de Michel Henry <sup>1</sup>

Memoirs by Michel Henry

**Roland Vaschalde<sup>2</sup>**

Estas “memórias” cobrem cerca de 30 anos de convivência com um homem e com um pensamento que tiveram uma influência decisiva na minha vida em muitos aspectos. Trata-se de dados que, parece-me, podem lançar luz complementar quer sobre certos aspectos da obra quer sobre elementos pessoais que ajudarão, quem não foi próximo dele, a ter ideia do homem vivo que era. Alguns poderão ficar espantados com a pouca abundância de materiais. Vejo várias razões possíveis para isto:

Tanto quanto possível, tratava-se de não repetir de forma mais tosca o que Michel Henry já tinha dito melhor em algumas milhares de páginas que nos legou, ou nas que já lhe tinham sido dedicadas.

Sempre me esforcei por limitar ao máximo as tentações de lhe bater à porta para obter esta ou aquela explicitação, a fim de não aumentar ainda mais as múltiplas e inevitáveis solicitações que permanentemente o submergiam, impedindo-o de se dedicar às suas atividades de escrita e de investigação bem mais essenciais, solicitações que, por vezes, o mergulhavam num estado de extrema desolação.

Muitos destes encontros foram simplesmente amigáveis e fora de qualquer contexto ‘filosófico’. Nem por isso o seu impacto foi menor, embora digam respeito à esfera estritamente privada e à aparente insignificância daquelas pequenas coisas cuja soma acaba por constituir as nossas vidas.

---

<sup>1</sup> Recebido em 23 de outubro de 2022. Aceito em 12 de janeiro de 2023 com base nas avaliações dos pareceristas *ad hoc*. Estas notas breves constituem recordações pessoais de Roland Vaschalde, que acompanhou as intervenções de Michel Henry no Congresso Cerisy-la-Salle, na Normandia, França, em setembro de 1996. Tradução portuguesa de Janilce Silva Praseres, pós-doutoranda em Filosofia na Universidade da Beira Interior – UBI, Portugal. Pesquisadora do Praxis – Centro de Filosofia, Política e Cultura, da mesma universidade; revisão de José Maria Silva Rosa, seu orientador de pós-doc e Professor Catedrático da mesma Universidade.

<sup>2</sup> Foi ex-aluno de Michel Henry, tendo escrito diversos artigos e entrevistas sobre seu professor. É editor da *La Gazette d'Aliabova*, um informativo que contém uma versão atualizada das pesquisas sobre Michel Henry.



Por fim, *last but not least*, sabemos bem o quanto estudantes e epígonos raramente estão ao nível de fazer justiça a um mestre desta envergadura. E tenho plena consciência de, no mais alto grau, ser disso um excelente exemplo...

## Cerisy-la-Salle

Setembro de 1996. Ponto de partida: Montpellier. Destino: Cerisy-la-Salle (Normandia), onde se vai realizar um colóquio de uma semana, dedicado a Michel Henry, organizado por Alain David e Jean Greisch, e que se revelará um evento decisivo para a difusão do seu pensamento. No carro, Anne e Michel Henry (é ela quem conduzirá durante todo este longo trajeto) e, no banco de trás, Yorihiro Yamagata e eu próprio. No caminho, fizemos duas paragens turístico-culturais: o Castelo de Chenonceau, onde Anne e Michel rivalizavam em erudição ao examinar os quadros, desvelando a sua origem, avaliando a sua qualidade artística e outorgando títulos de autenticidade... ou não, e o Monte Saint-Michel: fiquei muito emocionado por descobrir este lugar excepcional ao lado do meu mestre.

O Castelo de Cerisy-la-Salle é uma adorável construção localizada no coração da paisagem normanda. É aí, numa vasta sala no rés-do-chão, que decorrerão as conferências e os debates, quase sem interrupção, dada a dimensão do programa. A minha surpresa é grande: eu, que pensava ser o único leitor de Michel Henry em todo o universo habitado, descobri que à sua volta, neste cenário bucólico, se encontrava reunida uma centena de entusiastas e conhecedores, amadores ou profissionais da filosofia, vindos do mundo inteiro. Iriam viver uma semana de reflexão e de emoção intensa, rara. Para mim, resultariam daí algumas belas amizades, colaborações ricas que ainda hoje estão vivas.

Apesar do cansaço e de uma presença contínua constantemente solicitada (aproxima-se agora dos seus 75 anos), Michel Henry mostrou sempre uma nunca desmentida atenção aos outros. Assistirá a todas as intervenções, dará uma conferência e participará num debate. Todos os textos foram publicados e são bem conhecidos (HENRY, 2000), mas os registros dos debates, infelizmente, foram totalmente perdidos. Apesar disso, ainda tenho algumas notas tomadas durante as sessões que se seguiram a cada uma das conferências e nas quais Michel Henry interveio, por vezes, quando o julgou necessário. São essas as notas que aqui se encontram, com uma breve apresentação do seu contexto. Apesar da sua brevidade, parecem-me importantes para situar como



Michel Henry [expôs] o seu próprio pensamento em resposta às observações ou críticas que lhe foram dirigidas.

Jean-Michel Le Lannou estabeleceu um paralelismo entre a vida absoluta evocada por Michel Henry e a vida divina segundo Aristóteles. Michel Henry expressou o seu espanto perante tal aproximação: já ultrapassou totalmente a ontologia, que é o lugar onde se situa o pensamento de Aristóteles, e o conceito de ser mais não é, a seus olhos, senão uma palavra vazia, que agora lamenta ter utilizado em *A Essência da Manifestação*. O ponto que doravante lhe interessa é pensar a distinção e a unidade entre a Vida absoluta e a vida do vivente, a auto-afeção forte e a auto-afeção fraca.

Vigília: em torno de Michel Henry, uma parte da delegação italiana. As questões centraram-se sobre a redação de *O amor de olhos fechados* e as fontes da sua inspiração. Como muitos salientaram, estão aí certamente os acontecimentos de Maio de 68, mas também a experiência profunda e pessoal da Resistência, que implicava a necessidade de viver na clandestinidade, de se esconder, o destino dos contestatários aos regimes comunistas e o das pessoas que lhes sofriam os efeitos. E depois, no plano da emoção estética, um quadro do Louvre, *As Filhas de Ló*, no qual vemos personagens a fugir de Sodoma incendiada, sobre um fundo de noite azul que facultará o modelo para uma das cenas mais fortes do livro.

Alain Cugno falou de São João da Cruz. No debate abordou o tema da fé. Michel Henry salientou que, em toda a fé, há um para além da fé que a torna possível. É a certeza inabalável do ser em si da vida que é a verdadeira fé, e não a crença em qualquer coisa que se manteria fora de toda a experiência imediata.

Jean-Luc Marion abordou o aspecto teológico do pensamento de henryano. Ficou incomodado pela evacuação do aspecto criativo de Deus e da pessoa do Espírito Santo. Michel Henry respondeu que se a figura tradicional do Deus criador nos permite explicar a existência das coisas do mundo e, primeiro, do próprio mundo, ela [a figura tradicional do Deus] não dá conta, em caso algum, da nossa condição de viventes, gerados e não criados, não na alteridade daquilo que difere da sua causa, mas na unidade de uma mesma carne vivente. Quanto ao Espírito Santo, disse Michel Henry, apenas falo disto: trata-se da interioridade recíproca do Pai e do Filho na unidade fenomenológica da sua manifestação.

A intervenção de Rolf Kühn concluiu com uma interrogação quanto à possibilidade de escapar ou não à temporalidade como transcendência obrigatória, a primeira deiscência do mundo.



Michel Henry distinguiu entre o tempo tal como o analisou a filosofia até Husserl, e que efetivamente apresenta esta característica, e a temporalidade não-extática que é idêntica ao movimento das tonalidades afetivas da nossa vida. O si transcendental não se traz a si mesmo em si mesmo; declina-se no acusativo. O si transcendental vem a si na ipseidade da Vida absoluta, num processo de temporização que exclui toda a transcendência, uma vez que em nenhum momento há outra coisa que não seja a mesma vida, que não sofre qualquer interrupção possível que a lançaria imediatamente no nada.

A contribuição de Rudolf Bernet incluiu uma nota crítica: a evocação de um hiper-transcendentalismo de Michel Henry, o fato de a definição do homem como filho de Deus (segundo o vocabulário de *Eu sou a verdade*, que acabava de ser publicado e que influenciou todo o colóquio) apagar e não permitir pensar as características concretas, reais, da existência. Nos limites de uma cortesia que nunca abandonou, Michel Henry permitiu-se uma santa cólera, porque mais uma vez a sua teoria da imanência é acusada de não ser capaz de dar conta da realidade do mundo, da alteridade sob todas as suas formas. [Para M.H.,] trata-se de uma crítica assente numa incompreensão radical do seu pensamento: é apenas a fenomenalidade do mundo que é irreal, não o seu conteúdo! Este, evidentemente, está massivamente presente e seria preciso ser louco para o pôr em dúvida. Certamente que sobre isso escreveu *A Barbárie*, mas também quase mil páginas sobre Marx, ao qual dedicou dez anos de investigação e de vida!

Alain David escolheu como tema a questão judaica. Interrogou-se por que é que Michel Henry tratou tão frequentemente do estalinismo e nunca explicitamente do nazismo. Depois de Jad Hatem ter notado que os fornos crematórios são evocados em *O filho do rei*, após a cena de tortura do personagem de José, Michel Henry replicou laconicamente que é a sua obra, inteiramente dedicada à exaltação da vida e à denúncia das forças da morte, que responde a esta pergunta. Se me é permitido acrescentar alguns comentários adicionais e pessoais a esta resposta, cuja aparente securidade poderia surpreender, salientaria, por um lado, que a pergunta era dirigida a um combatente da Resistência que tinha vivido na carne a tragédia desta guerra e ao qual repugnava por pudor fazer alarde disso; e reenviaria, por outro lado, para os textos fortes e definitivos sobre a natureza do fascismo contidos em *Do comunismo ao capitalismo*, livro a este respeito, por hábito, negligenciado em demasia.

Após um debate dedicado ao marxismo e à economia, demasiado curto devido à falta de tempo e ao grande número de participantes, o rumor cresce e espalha-se na sala. Após negociações



quase diplomáticas e apesar do cansaço dos [dois] protagonistas, ambos concordaram com um debate, que facilmente se imagina como uma espécie de combate singular, ao final da tarde. Eis, pois, na doce luz da sala de conferências de um castelo rodeado de trevas, numa atmosfera de espera febril, o encontro improvável de duas personalidades que tudo opõe: à minha direita, o autor da fórmula mordaz escrita nos anos 1970: “O marxismo é o conjunto dos contra-sensos que foram feitos sobre Marx”; e à minha esquerda, Étienne Balibar, um dos mais eminentes representantes da tradição marxista francesa.

A crítica de Balibar incidiu, principalmente, sobre o pretense sujeito monádico que caracteriza a filosofia de Michel Henry (terá ele lido o pensador que nunca deixa de falar de indivíduos viventes, no seu Marx?) e assim desembuchou a pergunta: “Como pode um tal sujeito estabelecer relações sociais?” Fingindo ter esquecido largamente estas análises já antigas, Michel Henry empreendeu apesar disso, com mestria, a exposição sintética da gênese transcendental da economia, exposta no seu Marx, insistindo precisamente em explicar como o único fundamento real reside no trabalho comum dos indivíduos reunidos na intersubjetividade do desejo e da necessidade. O tempo e as relações sociais tornaram-se, seguidamente, conceitos abstratos provenientes desta experiência afetiva primeira e partilhada.

Em todo o caso, Michel Henry salientou o quanto achou interessante o seu consenso sobre a noção de trabalho vivo e agradeceu a Balibar a qualidade desta partilha. Este último encerrou o encontro, definitivamente muito pacífico, declarando quão importante lhe parece o trabalho do filósofo da vida e como este debate lhe tinha aberto perspectivas que, certamente, não deixariam de alimentar a prossecução dos seus próprios trabalhos. Não sei se isto foi apenas uma fórmula de conveniência ou uma autêntica forma de reconhecimento. Talvez possamos ver nisto o início de um caminho que, após a morte de Michel Henry, foi expresso numa longa e surpreendente homenagem publicada no jornal L'Humanité.

## Referências

HENRY, Michel. *l'épreuve de la vie*. Paris: Éditions du Cerf, 2000